

## **DESENVOLVIMENTO EGÓICO E MANIFESTAÇÕES SINTOMÁTICAS: SIMILITUDES E DIFERENÇAS.**

Eloy San Carlo Maximo Sampaio  
FE/UFG

Altair José dos Santos  
FE/UFG

Comunicação  
Fundamentos de Psicologia

O presente trabalho objetiva realizar uma investigação, a partir do referencial psicanalítico, da relação existente entre o ego e o sintoma. Tendo como base teórica as contribuições de Freud e Lacan, compreende-se que o psiquismo tende a buscar um nível mínimo de tensão, atendendo ao princípio do prazer, sendo que esta condição pode ser contemplada tanto pela obtenção de prazer, quanto pelo não contato com o desprazer. Tal configuração participa da emergência do sintoma, assim como no desenvolvimento do ego, pois estes fatores se firmam como o resultado de um conflito que envolve, por um lado, elevação da tensão, e por outro, a busca por caminhos alternativos que acarretem na minimização do nível tensional. Neste sentido foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o intuito de apreender a compreensão freudiana acerca do ego e do sintoma, estabelecendo uma busca nos textos escritos entre 1886 e 1938. Inicialmente visou-se captar, separadamente, o que seria cada um destes elementos e o seu percurso de desenvolvimento conceitual. Posteriormente, à luz da teoria lacaniana, buscou-se analisar a intrincada relação entre estes dois dados, com o intuito compreender as aproximações e diferenças existentes.

Palavras-Chave: psicanálise; ego; sintoma.

### **Desenvolvimento egóico e manifestações sintomáticas: similitudes e diferenças.**

#### **O sintoma**

Entre o final do ano de 1885 e início do ano de 1886, Freud obteve uma bolsa de estudo pra desenvolver pesquisas no Hospice de la Salpêtrière, em Paris, instituição esta que possuía no seu quadro profissional J.M. Charcot, renomado e controverso médico que se debruçava sobre fenômenos patológicos que eram incompreendidos e praticamente ignorados até então. Tais fenômenos consistiam basicamente em manifestações históricas, sendo que estas desafiavam o conhecimento científico presente na Europa do século XIX. É justamente por tal cenário que o esforço compreensivo de Freud foi atraído,

Ao buscar entender o que estava em ação na condição debilitante das pessoas acometidas pela histeria, Freud desde o início se debate contra a presença do sintoma, tentando compreender o motivo pelo qual este dado se materializava, mas já possuindo boas intuições sobre o caráter etiológico marcadamente psíquico. Desta maneira é clara a importância do sintoma para o início do desenvolvimento da teoria freudiana.

Logicamente que nestes momentos iniciais da elaboração de um campo de conhecimento que posteriormente seria definido como psicanálise, não é possível encontrarmos uma compreensão total mente definida sobre tais fenômenos. Os escritos executados na segunda metade da década de 30, como “Construções em análise” de

1937 ou “A divisão do ego no processo de defesa” de 1938, atestam tal condição, pois ainda tomam a investigação das manifestações sintomáticas e seus desdobramentos e articulações, como sendo algo relevante e ainda não totalmente elucidados.

Pode-se afirmar que a complexidade relacionada a indagação sobre o que é o sintoma se deva ao fato de que este elemento expõe de maneira radical a existência de processos inconscientes. Os eventos sintomáticos se configuram como sendo um dos meios privilegiados para a investigação dos determinantes psíquicos profundos em ação nos homens.

Neste sentido é fundamental importância considerar, primeiramente, que o sujeito é constituído a partir da demanda pulsional, sendo que pulsão é tida como:

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem sua fonte em uma excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p.394)

A pulsão se situa desta forma na fronteira entre o psíquico e o somático, evidenciando uma intrincada relação entre a condição biológica e subjetiva presente em cada pessoa, expondo radicalmente a centralidade dos processos inconscientes.

Porém vale ressaltar também que a existência humana ocorre em um mundo concreto, que nem sempre permite a satisfação da pulsão de modo imediato. Nota-se a existência de uma infinidade de pontos que limitariam o atendimento a demanda pulsional. Em um primeiro momento estas são decorrentes da própria constituição física da realidade, mas posteriormente tais limitações são ampliadas pelas interdições impostas pelo convívio em sociedade.

Configura-se desta maneira uma intrincada relação entre a demanda pulsional e a realidade, condição esta que é permeada continuamente por uma dimensão conflituosa. Expõem-se então a ação de dois princípios do funcionamento mental (FREUD, 1996/1911)<sup>1</sup>, o primeiro deles é guiado por processos primários e representa uma tendência sempre presente que busca basicamente diminuir o estado de excitação psíquica, sendo que isto é obtido pelo evitamento do desprazer e obtenção do prazer, tal tendência é denominada de princípio do prazer. Todavia também é necessário considerarmos a presença de um segundo determinante da vida mental: o princípio de realidade. A este se liga a impossibilidade de desconsideração da realidade, tendo em vista a necessidade de promover a preservação do organismo, sendo guiado para tanto por processos secundários.

Embora o princípio de realidade, que surge posteriormente no percurso desenvolvimental, possa em larga medida contrariar o princípio do prazer, é necessário termos claro que uma completa substituição nunca é processada. Toda a vida mental do sujeito é ligada por estes dois determinantes. Freud (1996/ 1911) afirma que:

A substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, com todas as conseqüências psíquicas envolvidas aqui esquematicamente condensadas em uma só frase, não se realiza, na verdade, de repente; tão pouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego, os instintos sexuais se desligam deles de maneira muito significativa (p. 241).

---

<sup>1</sup> Devido à importância do conhecimento sobre o ano de publicação das obras freudianas o presente trabalho adotará como numeração padrão o ano de publicação da obra em português, seguida do ano de publicação do trabalho original.

A partir deste quadro podemos compreender alguns dos fatores atuantes na formação do sintoma. De início é de fundamental importância compreender que os sintomas possuem um sentido, se relacionando com a história do paciente. De certa forma tal fenômeno é o resultado biográfico do embate entre as demandas pulsionais inconscientes e a realidade exterior.

A relação com a história do sujeito se apresenta de modo que podemos perceber que o sintoma ocupa um lugar estratégico, sendo em parte resultado da ação dos dois princípios do funcionamento mental. Para a ocorrência desta manifestação é necessário, por um lado, a existência de uma demanda pulsional, por outro, a impossibilidade de encontrar satisfação direta, uma vez que caso ocorresse o atendimento a demanda os resultados emergentes seriam notadamente penosos.

A negação do desejo, todavia não significa sua destruição, pois embora este seja submetido ao processo de recalçamento, ainda sim se fará ouvir pela batida daquilo que jamais para de pulsar. Fica explícita, então, a dimensão conflituosa ligada ao sintoma. Freud (1996/1917) aponta que:

O conflito surge pela frustração, em consequência da qual a libido, impedida de encontrar satisfação, é forçada a procurar outros objetos e outros caminhos. A condição necessária do conflito é que esses outros caminhos suscitem a desaprovação em uma parte da personalidade, de forma que se impõem como um veto que impossibilita o novo método de satisfação tal como se apresenta. A partir desse ponto, a formação do sintoma segue o seu curso [...] As tendências libidinais rechaçadas conseguem, não obstante abrir caminhos por algumas vias indiretas, embora, verdadeiramente, não sem levar em conta a objeção, submetendo-se a algumas deformações e atenuações. As vias indiretas são aquelas que tomam a formação dos sintomas; estes constituem a satisfação nova ou substituta, que se tornou necessária devido ao fato de frustração (p.352).

O sintoma se afirma como uma tentativa de administração da economia psíquica, buscando operar da melhor forma o possível com os poucos recursos disponíveis e com as altas exigências vigentes. Desta maneira embora seja necessário assumir que um gozo pleno é francamente impossível para o neurótico, também não podemos esquecer que o sintoma comporta uma certa dimensão de gozo.

Ao estabelecer que a satisfação do desejo é algo barrado, observa-se que a libido se retrai, podendo transitar em vias já conhecidas de investimento. Pode ocorrer então uma retomada de maneiras anteriormente consolidadas de gozo, notadamente relacionados à sexualidade infantil. Neste sentido os sintomas:

Criam um substituto das satisfações frustradas, realizando uma regressão da libido a épocas de desenvolvimento anteriores, regressão a que necessariamente se vincula um retorno a estágios anteriores de escolha objetal ou organização. Descobrimos, há algum tempo, que os neuróticos estão ancorados em algum ponto do seu passado; agora sabemos que este ponto é um período do seu passado, no qual sua libido não se privava de satisfação, no qual eram felizes (FREUD, 1996/1917, p.367).

O sintoma emerge, em certo sentido, como uma *adaptação* e não como uma tentativa de alteração da realidade. O que é modificado é a condição do sujeito que necessita se equilibrar entre aquilo que é exigido pela pulsão e o permitido pelo mundo exterior.

## O Ego

A complexidade da psicanálise se faz presente continuamente pela profundidade que seus conceitos centrais possuem. Ao tomarmos alguns pontos nodais da teoria fica claro que as articulações existentes e as implicações atuantes, se fazem constantemente presentes. É este o caso do conceito de EGO, ou EU, uma vez que ao emprendermos uma investigação sobre este ponto, nos deparamos, inevitavelmente com uma série de outros conceitos, como ID, SUPEREGO, princípio de realidade, princípio de prazer, narcisismo, identificação... A lista poderia ser longamente estendida, principalmente se atentarmos que, em alguma medida e em um estado não totalmente desenvolvido, a noção de EGO esteve presente desde os primeiros trabalhos freudianos, como “Estudo sobre histeria” (1893) e “Projeto para uma psicologia científica” (1895), sendo continuamente desenvolvido nas décadas seguintes.

Porém para que a discussão da relação entre EGO e sintoma seja possível, será necessário realizar um recorte, o que resultará na não contemplação direta de alguns importantes pontos que, contudo não dizem respeito diretamente ao objetivo deste texto. Desta maneira é fundamental termos em mente que ao discorrermos sobre o EGO, necessariamente devemos compreender que o mesmo se vincula a outras determinações.

É possível encontrarmos um movimento na teoria psicanalítica que avança, recria e constrói novas contribuições para o seu campo de conhecimento. }Isto é decorrente do esforço investigativo, que ao se deparar com a realidade, é lançado para novos patamares . Tal movimento é especialmente claro na emergência de compreensões tópicas distintas. Nota-se que inicialmente a primeira tópica é articulada a partir de três elementos de suma importância: o consciente, o pré-consciente e inconsciente. Estas formulações jamais foram abandonadas nos avanços posteriores da psicanálise, porém adquiriram um novo status a partir da “virada de 1920” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994), com a emergência da segunda tópica, que contemplava as noções de ID, EGO e SUPERERGO.

A direcionarmos nossa atenção para o EGO, notamos que ele comporta “uma organização coerente de processos mentais”( FREUD, 1996/1923, p.30), isto todavia não aponta para a coincidência de certos pontos presentes na primeira e na segunda tópica da teoria psicanalítica, ou seja, o EGO não coincide totalmente com a consciência, embora possa em grande parte abarcá-la. Existem dimensões inconscientes no EGO, sendo que isto é especialmente visível na ação de certos mecanismos de defesa, uma vez que estes não se apresentam como sendo possíveis de serem captados de maneira imediata pela consciência.

Esta condição é decorrente do fato de que o Ego não se afirma como um sistema totalmente independente do restante do aparelho psíquico. Ele possui zonas de continuidade e descontinuidade com os outros componentes: o Id e o Superego. Se retornarmos nos momentos primitivos da existência do sujeito, notamos que nele se encontram difusamente a ação das moções pulsionais, que não padecem de nenhum controle, tão pouco realizam concessões impostas pela realidade. Tal cenário permite que afirmemos que nos primeiros momentos de vida o homem não conta com um Ego estruturado, e nem com um Superego, notando somente a presença do Id.

Se o Ego é fruto de um processo de desenvolvimento humano e não se encontra já formado na ocasião do nascimento, ele só pode derivar de estratos mentais já presentes. Isto equivale a dizer que o Ego emerge a partir do Id, possuindo zonas de complementaridade com este. Certamente esta descrição apresenta um poderoso argumento a favor da constatação de que parte do Ego é inconsciente, mas também funciona como um ponto de partida para uma indagação sobre o motivo pelo qual tal

estrutura se consolida nos homens.

Freud (1996/1911) apresenta que o psiquismo humano é incapaz de suportar indefinidamente um estado de excitação. É um princípio biológico facilmente verificado que um elevado acréscimo de tensão levaria a destruição de qualquer organismo. Nenhum ser vivo é capaz, por exemplo, de suportar um aumento de temperatura ou pressão para além de certos limites. Ao direcionarmos nossa atenção para o homem notamos a mesma condição, o que coloca a necessidade de estabelecimento de certas estratégias que preservariam a vida.

A tentativa de administrar a recepção de estímulos, para manter a tensão em um estado adequado pode ser compreendida justamente com a gênese da consciência humana. A consciência se desenvolve, em parte, pela necessidade de promoção de alguma defesa frente ao mundo material. Ela atua como um escudo que promove um “amortecimento” da excitação decorrente do contato com a realidade externa. Porém também é necessário salientarmos que existem outras fontes que promovem o acréscimo de tensão, notadamente as exigências pulsionais. Ao exigir satisfação, muitas vezes incompatíveis com a realidade ou perigosas, a pulsão atua como um estímulo relevante e deve ser conduzida de maneira que ocorra a minimização de seus efeitos excitatórios.

Nestes dois casos notamos a vigência dos determinantes primitivos da psique humana. Ocorre a busca pela máxima diminuição possível da tensão no organismo, sendo que isto ocorre pelo evitamento do desprazer e obtenção do prazer. Vale notar que o desdobrar desta maneira de condução na vida mental acarreta posteriormente no aparecimento de outros mecanismos, regidos por processos secundários e fundamentais para a manutenção da vida, conhecidos sob a denominação de princípio da realidade.

O contato com fontes excitatórias promove o desenvolvimento dos sistemas Perceptivo-Consciente (Pcpt-Cs) (FREUD 1996/1923), que certamente se apresentam como um dos componentes fundamentais do Ego. Por conta da importância do sistema Pcpt-Cs é que Freud afirma que o Ego “é primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (199/1923, p.39).

Freud continua sua exposição afirmando que “o ego é a parte do id que é modificada pela influencia direta do mundo exterior através de Pc-Cs; de certo modo é a continuação da diferenciação superficial” (1996/1923, p. 35). O contato com a estimulação e a necessidade de administração da tensão proveniente tanto da realidade externa quanto interna pode então ser compreendida como núcleo do Ego.

Fica claro a dimensão conflituosa existente entre as configurações psíquicas, a realidade e a capacidade de resistência frente a tensão do organismo. Em síntese podemos afirmar que o Id primitivo, sede das pulsões, ao entrar em contato com o mundo exterior vai se modificando, dada a necessidade de garantir a continuidade da existência do organismo. Estas modificações resultarão tanto na consciência absoluta destes dois pontos. Freud reiteradas vezes aponta para este cenário: “O ego é a parte mais bem organizada do id, com a sua face voltada para a realidade. Não devemos exagerar demasiadamente a separação entre os dois” (FREUD, 1996/1933, p.96). Elaborando um texto ligeiramente diferente o autor afirma também que

Sob a influência do mundo externo que nos cerca, uma porção do id sofreu um desenvolvimento especial. Do que era originalmente uma camada cortical, equipada com órgãos para receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos, surgiu uma organização especial que desde então, atua como intermediária entre o id e o mundo externo. A esta região de nossa mente demos o nome de ego (FREUD, 1996/1940, p.158)

Novamente vemos a presença de um movimento que resulta prioritariamente em uma modificação no sujeito e não uma alteração da realidade exterior. Estabelece-se um movimento mais próximo da *adaptação* do que da ação sobre o mundo

### **O Ego como sintoma**

Na história do movimento psicanalítico é possível notarmos certas incursões que propõem uma leitura diferenciada da contribuição de Freud. Por vezes tais leituras violentam alguns elementos basilares da psicanálise, afastando-se deste corpo teórico. Podemos encontrar exemplos deste tipo de evento no desdobramento da proposta junguiana, que posteriormente seria denominada de psicologia analítica, ou ainda nas contribuições adlerianas ligadas a *ego psychology*.

É característico da *ego psychology* apostar radicalmente nas capacidades egóicas, defendendo um tratamento que se reveste de fortes colorações adaptativas, deixando em segundo plano alguns dos elementos fundamentais do saber psicanalítico, como por exemplo o caráter determinante dos conteúdos inconscientes, ou a centralidade da sexualidade. Isto resulta em uma prática que acaba por afastar o sujeito da sua verdade, da verdade do seu desejo, comprometendo por tanto a experiência ética da psicanálise.

Ciente de tais fatores Lacan (1986) estabelece contundentes críticas a tais leituras da psicanálise, afirmando que “o eu está estruturado exatamente como um sintoma. No interior do sujeito não é senão um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem” ( p.25). Desta forma uma breve incursão na letra freudiana se apresenta como algo benéfico para a compreensão desta intrincada relação de proximidade, coincidência e diferença entre o Ego e o sintoma.

Uma primeira possibilidade compreensiva emerge ao considerarmos algumas tendências gerais, sempre presentes na vida humana. A compreensão econômica da teoria psicanalítica oferece certamente um bom roteiro para o entendimento do problema.

Todo organismo vivo consegue suportar um estreito limiar de estimulação. A vida não se firma como algo viável caso tais limites sejam ultrapassados, o que coloca a necessidade da existência de certos mecanismos que consigam controlar a situação. Este princípio é, em certa medida, universal e pode ser sintetizado como a tendência de buscar a redução do estado de tensão. Freud ( 1996/ 1911) denomina tal movimento como sendo o princípio do prazer, sendo que este consiste na busca pelo prazer e evitamento do desprazer.

Levando em conta tais fatores é possível compreendermos que tanto o sintoma, quanto o Ego são resultantes de uma tentativa de “administração” das moções pulsionais. O sintoma é uma consequência do recalque das pulsões, valendo notar que o processo de recalque ocorreu devido ao fato de que caso tais pulsões fossem satisfeitas elas acarretariam condições percebidas como negativas, o que seria expresso por um acréscimo considerável o desprazer, ou seja, por uma grande elevação do nível de tensão no interior do aparelho psíquico.

O Ego por sua vez emerge pelo contínuo contato do Id com o mundo exterior, o que ocasiona o aparecimento de um “ revestimento cortical” capaz de atuar como um escudo protetor contra estímulos (FREUD, 1996/1938) Em um primeiro momento a fonte de estímulos que o ego deve se defender localiza-se na realidade exterior ao sujeito, porém vale notar que muito precocemente tal “escudo” é conclamado também a

promover a defesa em relação aos estímulos provenientes da realidade interior, ou seja, a exigência pulsional provinda do Id. No texto de 1938 “Esboço de psicanálise” Freud expõe que:

A elevação dessas tensões é em geral sentida como desprazer, e o seu abaixamento, como prazer. É provável, contudo, que aquilo que é sentido como prazer ou desprazer não seja altura absoluta dessa tensão, mas sim algo no ritmo de suas modificações. O ego esforça-se pelo prazer e busca evitar o desprazer. Um aumento de desprazer esperado e previsto é enfrentado por um sinal de ansiedade; a ocasião de tal aumento que ele ameace de fora ou de dentro, é conhecida como um perigo ( FREUD, 1996/1938, p.159).

Desta forma é lícito afirmarmos que em certo sentido tanto o Ego, quanto o sintoma, em momentos iniciais, emergem como sendo um acordo possível entre o Id concebido como reservatório pulsional, e a realidade. Comportam, pois uma dimensão adaptativa, uma vez que se apresentam como sendo prioritariamente uma modificação realizada no organismo e não na realidade exterior.

Tanto o Ego quanto o sintoma são soluções encontradas para que a existência humana se torne possível. A partir desta afirmação compreendemos que os dois fatores resguardam uma faceta positiva, ainda que esta não seja perfeita e denuncie a falta constitutiva de tudo àquilo que é humano.

Por outro lado também é necessário salientar que o sintoma “ são atos prejudiciais, ou pelo menos, inúteis à vida das pessoas, que por vez, deles se queixa como indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento” (FREUD,1996/1917, p.361). Isto expõe que o sintoma é uma maneira de existência do humano, mas que, todavia se apresenta como sendo demasiada custosa, exigindo a consumação de uma cota de energia tanto para a sua formação quanto para a tentativa de luta contra os mesmos, uma vez que são claramente fonte de algum desprazer. O sintoma, entendido como exemplo de repetição, assinala a existência de movimentos “para além do princípio do prazer”...

Considerando este cenário cabe perguntarmos se seria tarefa da análise promover o fortalecimento do sintoma? Seria adequado pensarmos que o tratamento analítico se prestaria a incrementar aquilo que serviu como uma mediação importante para o sujeito, mas que agora se apresenta como um problema considerável para a manutenção de uma vida digna? Freud e Lacan apresentam que embora o estabelecimento de uma vida que não contenha a falta seja impossível, também não é eticamente viável promover-se uma clínica comprometida, de maneira imediata, com o sintoma, com aquilo que obstaculiza o acesso do sujeito a verdade do seu desejo.

A psicanálise não possui necessariamente um compromisso com a promoção da adaptação do sujeito ao mundo, mas sim com a promoção da crise no indivíduo, entendendo que crise é um momento de “parto”, o estabelecimento de algo novo. Isto pode ser expresso pela compreensão de alguns conteúdos inconscientes que agem na vida do sujeito, ou ainda pela afirmação de novos acordos com a realidade.

Deste modo se a psicanálise não toma o fortalecimento do sintoma como um dos seus objetivos, por que condução diferente deveria ser conferida ao Ego? Também o Ego se apresenta como algo benéfico para a manutenção da vida do homem, mas que para tanto exige uma imensa cota de energia psíquica. Isto pode comprometer ressaltadamente o estabelecimento de uma existência digna, distanciando o sujeito da compreensão da sua verdade.

## **Referências bibliográficas.**

FREUD, S. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In\_\_\_ **Publicações pré analíticas e esboços inéditos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1886 ]. P. 37-52.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In\_\_\_ **Publicações pré analíticas e esboços inéditos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1895]. P. 347-399.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In\_\_\_ **Estudos sobre a histeria.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1893 ]. p. 13-161.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In\_\_\_ **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1911 ]. p.233-246.

FREUD, S. O sentido dos sintomas. In\_\_\_ **Conferências introdutórias sobre a psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917 ]. p.265-280.

FREUD, S. Os caminhos da formação dos sintomas. In\_\_\_ **Conferências introdutórias sobre a psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917]. p.361-378.

FREUD, S. Algumas idéias sobre o desenvolvimento e regressão- etiologia. In\_\_\_ **Conferências introdutórias sobre a psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917 ]. p.343-360.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In\_\_\_ **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1920]. p.13-78.

FREUD, S. O Ego e o Id. In\_\_\_ **O Ego e o Id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1923 ]. p. 15-82.

FREUD, S. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In\_\_\_ **Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1926]. p. 81-1973.

FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica. In\_\_\_ **Novas conferências introdutórias.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1933]. p. 63-83.

FREUD, S. Ansiedade e vida instintual. In\_\_\_ **Novas conferências introdutórias.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1933]. p. 85-112.

FREUD, S. Esboço de Psicanálise. In\_\_\_ **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1938 ]. p. 153-187.

FREUD, S. Construções em análise. In\_\_\_ **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1938 ]. p. 275-290.

FREUD, S. A divisão do Ego no processo de defesa. In\_\_\_ **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996 [ 1938 ]. p. 291-300.



LACAN, J. J. **O Seminário: Livro 1 Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAPLANCÈGE, J.; PONTALISE, J. B. **Vocabulário de Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.